

Amor ao Bem

Volume I



Monge Tyāgo



Namo Dhammāya

Reverência ao Bem



Monge Tyāgo



“

A etiqueta de preço? Ausente.

Com a doação, um coração contente.

Nada pede ou espera em troca.

O Bem – o Dharma – é o maior presente.

Autor do poema 'Amor ao Bem:' **Monge Tyāgo**

Tradução dos textos canônicos para o português: **Monge Tyāgo**

Projeto gráfico de capa e miolo: **Renan Castro**

Prefácio

Uma vez, um monge disse a outro monge:

— No que tanto pensas?

— *Estou tentando descobrir como explicar para a minha família e para os meus amigos o que significa ter me tornado um monge.*

— Se descobrir, por favor, me avisa.



Escrito em Setembro de 2022, durante a minha estada no Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB), em Alto Paraíso de Goiás - GO, o poema “Amor ao Bem” é, por um lado, uma tentativa de conduzir parentes e amigos interessados a um significado genuíno do Budismo. O formato do livro, talvez, seja inesperado. Quem sabe o leitor se alegre ainda ao descobrir que monges em séculos passados não fizeram diferente: eles escreveram epístolas poéticas explicando o seu entendimento sobre os ensinamentos do Bhagavam Gautama Buda. Por exemplo, o ven. Nāgārjūna, na Índia, escreveu para o rei Sātavahāna e, no Sri Lanka, o ven. Kavicakkavatti Ānanda escreveu para o seu amigo, o ven. Buddhasoma.

Assim, esta introdução ao Budismo continua uma tradição de mais de dois mil anos. Porém, enquanto que as palavras desses veneráveis do passado se tornaram textos raiz, fontes de comentários e alvos de estudos por parte das gerações posteriores, o “Amor ao Bem” é mera desculpa para

apresentar as palavras do Bhagavam da maneira como foram primorosamente preservadas no cânone em páli (esta, a sua língua original). Para o monge que aqui escreve, esses, sim, são os textos raiz. Já os versos com os quais adorno-os são apenas pequenos comentários.

Se, por um lado, “Amor ao Bem” é uma carta dedicada aos que me rodearam nesta vida, por outro, eu espero que seja, para aqueles que buscam no escuro, uma preciosa lamparina.

Monge Tyāgo
Santuário Sāsanarakkha, Malásia
Setembro de 2023

Sumário

Textos canônicos originais e outras traduções podem ser consultados de acordo com as seguintes abreviações:

Abreviações

Kd	Vinaya Khandhaka	Dhp	Dhammapada
DN	Dīgha Nikāya	Snp	Sutta Nipāta
MN	Majjhima Nikāya	Ud	Udāna
SN	Saṃyutta Nikāya	Iti	Itivuttaka
AN	Aṅguttara Nikāya	Ja	Jātaka

Prefácio.....	5
Sumário	7
Amor ao Bem.....	12
As Palavras do Buda	22
<i>A primavera, ela envelhece</i>	
1. Ao Bahadrako (SN 42.11).....	23
2. Ao Hatthaka (AN 3.35).....	26
O tempo, como ele voa (SN 1.4)	29
<i>Não crie marcas, seja inocente</i>	
3. Ações (AN 4.233).....	30
Desenredado ele é da rede (Dhp 180)	32
<i>Um incêndio queima este mundo</i>	
4. Sem Lágrimas (Ja 328)	33
5. Não Há Quem Assegure (AN 5.48)	38
<i>Do bem e mal feito é resultado</i>	
6. Sobre o Impossível (AN 1.287-295).....	41
7. Censurável (AN 4.135).....	42
8. O Manto Importado (MN 88)	43
9. Motivos (AN 6.39).....	46

10. Resultados da Má Conduta (AN 8.40)	47
11. O Pequeno Discurso da Análise das Ações (MN 135)	49
12. O Fogo do Sacrifício (AN 7.47).....	0
13. Diligência (AN 4.121)	0
14. Conduta (AN 5.241).....	0
15. Sem Dívida (AN 4.62)	0
16. Dívida (AN 6.45)	0
17. Garotos (Ud 5.4).....	0
<i>O dever de casa pra quem tem causa</i>	
18. A Virtude dos Kurus (Ja 276).....	0
Irigador é quem guia a água (Dhp 145).....	0
19. Absolutamente (AN 2.18).....	0
20. Incansável (AN 2.5).....	0
Sem raiva conquiste a raiva (Dhp 223).....	0
21. Estagnação (AN 10.53).....	0
Me insultaram, me atacaram (Dhp 3)	0
22. O Pleno Conhecimento da Raiva (Iti 12).....	0
23. Intolerância (AN 5.215).....	0
Tão feio é o raivoso (AN 7.64).....	0
<i>Não sinta e espera por boa notícia</i>	
24. A História de Magha (Ja 31)	0
Quem planta jardins e, também, parques (SN 1.47)	0
<i>Fazendo o bem, planta boas sementes</i>	
25. O Rei Samvara (Ja 462).....	0
26. Em Sedaka (SN 47.19).....	0
27. Levados Pelos Outros (Ja 322)	0
<i>Tal como o vento, ele avança</i>	
Uma ruína é para o tolo (Dhp 72).....	0
28. Autoconfiança (AN 5.171).....	0
29. Virtude (AN 5.213)	0
Contra o vento, não corre o cheiro (Dhp 54).....	0
30. O Cervo Chamado Nandiya (Ja 385)	0
31. Aparência (AN 4.65).....	0
32. Preceitos (AN 4.201).....	0
33. Aspirando pela Felicidade (Iti 76).....	0
<i>Sem avidez, contente e simples</i>	

Nem mesmo ao chover dinheiro (Dhp 186).....	0
34. O Grande Macaco Rei (Ja 407)	0
35. O Rugido do Leão de Sáriputra (AN 9.11)	0
Calma é a sua mente (Dhp 96).....	0
<i>Violência: nunca! Inofensivo</i>	
Aquele que ataca seres (Dhp 131).....	0
36. Conselhos ao Ráhula (MN 61).....	0
37. Com Abhaya	0
Em vila ou em floresta (Snp 1.7)	0
38. Árvore Auspiciosa (Ja 465)	0
O medo nasce das mãos armadas (Snp 4.15)	0
<i>Caso o acusem de mal não feito</i>	
Em meio à ventania (Dhp 81)	0
39. O Melhor Caminho (Ja 282)	0
40. Sundari (Ud 4.8)	0
41. Digno de Crítica (AN 4.83).....	0
<i>Se o insultarem ou maltratarem</i>	
Opressão, prisão e abuso (Dhp 368).....	0
42. A Parábola da Serra (MN 21)	0
Cortando o que, há um bom descanso? (SN 1.71)	0
43. Paciência (AN 4.164).....	0
44. Abuso (SN 7.2)	0
45. O Longo Discurso com Sachaka (MN 36)	0
46. Vepatitti (SN 11.4)	0
47. A Paciência de Ráhula (Ja 319).....	0
<i>Não bata boca, não se exaspere</i>	
O debate e o bate-boca (Snp 4.11)	0
48. Confronto (SN 56.9)	0
A ninguém mesmo seja grosseiro (Dhp 133).....	0
49. Assembleias (AN 2.51).....	0
<i>Promova sempre a harmonia</i>	
50. Kosambi (Kd 10)	0
51. Em Sárandada (AN 7.21)	0
52. União (AN 4.32).....	0
<i>No feitiço, veja o feitiço</i>	
53. Nem Pela Própria Mãe (SN 17.37)	0

54. Poucos (SN 3.6)	0
55. Suavidade (Ja 66)	0
<i>Observe, tenha cuidado</i>	
56. O Curto Discurso Sobre o Aglomerado de Sofrimento (MN 14)	0
57. Circunstâncias (1º) (AN 5.57)	0
O pensamento apaixonado (AN 6.63)	0
<i>Podendo, fuja da algazarra</i>	
58. Amor pelo Silêncio (DN 25)	0
59. O Rei Makhadêva	0
<i>Fique onde o coração entenecece</i>	
60. O Papagaio Sattigumba (Ja 503)	0
Com o tolo, viver à parte (Snp 2.4)	0
61. Com Esukári (MN 96)	0
62. Circunstâncias (2º) (AN 4.192)	0
63. Vivendo Confortavelmente (AN 5.105)	0
64. Fraternidade (AN 6.12)	0
65. Metade da Vida Santa (SN 45.2)	0
66. Nobre Humildade (Ja 323)	0
Não preze más amizades (Dhp 78)	0
<i>Aprenda a cuidar dos outros</i>	
67. Raros (AN 2.119)	0
68. Cuidando de Doentes (AN 5.124)	0
69. O Bom Paciente (Kd 8)	0
70. Fraternidade Monástica (Kd 8)	0
71. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Amigos (DN 31)	0
72. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Empregados e Subordinados (DN 31)	0
73. Conselhos ao Sigálaka: Sobre Reclusos (DN 31)	0
74. O Recluso Kesava (Ja 346)	0
75. Riqueza (AN 5.227)	0
76. Utilizando a Riqueza (AN 5.227)	0
Colocando-se no comando (Snp 1.6)	0
77. Para o Bem de Si e dos Outros (AN 4.95)	0
<i>Perdoe-os pelo que fazem</i>	
78. Bem Treinado (Ja 23)	0
79. Afastando o Ressentimento (1º) (AN 5.161)	0

80. Afastando o Ressentimento (2º) (AN 5.162)	0
81. Afastando o Ressentimento (3º) (AN 5.162)	0
82. O Pequeno Discurso da Adoção de Práticas Religiosas (MN 45)	0
83. Comida (AN 5.37).....	0
Quando a pessoa é muito rica (Snp 1.6).....	0
84. Frutos das Doações (Iti 26).....	0
85. Famílias (SN 42.9)	0
86. Com o General Sîha (AN 5.34)	0
Por egoísmo e negligência (SN 1.32).....	0
87. A Doação da Pessoa Sem Grande Caráter (AN 5.147)	0
88. A Doação da Pessoa de Grande Caráter (1º) (AN 5.148)	0
89. Velâma (AN 9.20)	0
90. Oito Doações (AN 8.31)	0
91. Estando Presente (AN 3.41)	0
92. Vacchagota (AN 3.57).....	0
93. Arco e Flecha (SN 3.24)	0
94. Ocasão para Presentes (AN 5.36)	0
95. A Nuvem Que Não Chove (Iti 75)	0
Quando a casa está em chamas (SN 1.41)	0
96. A Doação da Pessoa de Grande Caráter (2º) (AN 8.37)	0
97. Dificil Façanha (Ja 401).....	0
98. Doações para Renascer (AN 8.35).....	0
Notas de Tradução.....	58
Bibliografia	59



Amor ao Bem

Parte 1





*Bela como a primavera.
Estremeço como no inverno.
Houve paixão nesse veraneio.
Do outono sair não quero.*



*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*



*Deixe marcas, encante, assombre,
viva com graça, faça memórias.
Ria, divirta-se, apaixone-se,
abraçe, beije, dance na orla.*



*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*



*Flamejante flecha me atinge.
Pleno pulmão, grito em silêncio.
Meu peito diz: “como quero tê-la!”
mas, mesmo a tendo, eu não a tenho!*



*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*



*De onde eu venho? Pra onde eu rumo?
O que eu faço aqui comigo?
Em meio a tanto desejo e medo,
besta, nem sei sobre o que pergunto...*



*Do bem e mal feito és resultado.
Ao fruto de tais ações, destinado.
Querendo alegria e não tormento,
sê inocente, larga o que arde.*



*Há tantos problemas neste mundo!
Estudo, estudo, tenho idéias:
“Eis o caminho pra melhoria,
mas este povo aqui é tão cego!”*



*O dever de casa pra quem tem causa
é criar pra si um grande caráter:
correto, sóbrio, não faz o errado
nem enraivece indignado.*

*Não senta e espera por boa notícia,
não desespera com o mundo em baixa.
Boa notícia, aprende a criá-la.
Boa notícia, assim ele é, de fato.*

*Fazendo o bem, planta boas sementes,
gentil, ajuda, firme e aplicado.
Verdadeiro, nele confiam.
Escrupuloso, humilde e sábio.*

*Tal como o vento, ele avança.
Rochas e pedras vão para os lados.
Não por causa de suas ideias,
mas pelo poder de seu caráter.*



*Como ser feliz nesta vida
em meio ao caos, trabalho e família?
Como se aguenta o sofrimento?
E sobre a morte, o que me diria?*



*Sem avidez, contente e simples.
Apague a raiva, seja bem manso.
Agente a dor sem pensar maldades,
lúcido, calmo e muito bondoso.*

*Violência: nunca! Inofensivo!
Jamais tomando o que é alheio.
“Dia da mentira”, o que é pros outros
que apenas seja-lhe Abril, primeiro.*

*Caso o acusem de mal não feito
não contra-acuse; esclareça os fatos.
Busque lugar seguro, em perigo.
E, mesmo a salvo, nunca retalhe.*

*Se o insultarem ou maltratarem
queime o convite pra dar o troco.
Firme, agente-os com paciência.
Fé no caminho mais poderoso.*

*Não bata boca, não se exaspere.
Veja a teia. Nela não caia.
Fale o que acalma, caso contrário
sinta o prazer em ouvir cigarras.*

*Promova sempre a harmonia.
Não divida unidos em partes.
Entre partidos, se una à verdade,
à inocência, ao bem e humildade.*

*No feitiço, veja o feitiço.
Vida de plástico, isso não queira.
Enfeitiçado, o bem é esquecido.
“Mero plástico” vê no espelho.*

*Observe, tenha cuidado
com as delícias várias do mundo.
Inebriados e apegados
agimos mal e ficamos sujos.*

*Podendo, fuja da algazarra.
Vá aonde a brisa suave o toque,
aonde o silêncio é sinfonia,
aonde o pôr do sol o comove.*

*Fique onde o coração entenece,
na companhia de gente simples.
Do humilde, faça o seu mestre.
Um paraíso assim que se cria:*

*Aprenda a cuidar dos outros
sem no entanto incomodá-los.
Constantemente, traga isto à mente:
“Precisariam eles de algo?”*

*Perdoe-os pelo que fazem
sem raiva – chore se necessário.
Do bolo, dê-lhes a melhor parte.
Aprenda o prazer que há nesses atos.*

*Ao seu redor, feliz, sirva à todos.
Aprenda a ser contente com pouco.
Muito estudo, um emprego saudável.
Pôr do sol, café, chá, biscoitos.*

*Querendo e achando uma candidata,
pergunte-a: “amor? ou, então, amizade?”
Se “amizade” ela responde,
convide-a ao altar. Com ela, case.*

*Pois amizade é amor verdadeiro.
Casal amigo é pra toda a vida.
Já inimigos que dormem juntos:
dia após dia, amarga ruína.*

*Os pais idosos, sempre os ampare.
Se difíceis, com paciência.
Se violentos, deles se afaste.
De longe cuide-os, não os maltrate.*

*Os mais velhos, sempre os respeite.
Ancestral é essa lei, de fato!
Quando anciões se fazem presentes,
levante-se e pause o papo.*

*Abra caminho, dê-lhes assento.
Fique em pé até que se sentem.
Mude seus modos e como fala.
Seja dócil estando com eles.*

*De coração, anciões bondosos
pelos jovens tem piedade.
Com as honras não se envergonham.
Deixam-se cuidar e são tão gratos.*

*Tão grande, ainda, é o dedicado
que não se tenta fazer mais alto
do que o irmão, amigo ou colega
que são mais velhos. Ele os acata.*

*Seja inocente como a criança.
Infantilidade, deixe de lado.
Sempre amável, jovial e sóbrio
e não, juvenil e mal-educado.*

*Tenha amor pela reverência,
seja modesto, oferte respeito,
tenha pudor; na cara, vergonha,
e será querido onde há bem presente.*

*Não faça que outros o respeitem.
Queiras apenas limpar tuas falhas.
Se elogio a ti é jogado
não o pegues; deixes que caia.*

*Aos teus olhos, teus próprios erros.
O erro do outro é como o seu cinto:
Embora ele o esteja usando
não há porque nos ocupar nisso.*

*Antes de criticar, encorage.
Antes de ensinar, seja o exemplo.
Não tire sarro, não faça escárnio,
seja apenas um bom amigo.*

*Se criticado, ouça com cuidado
refletindo profundamente.
Dê o braço a torcer pela verdade
(guarde sua queixa pra outro momento).*

*Seja aberto sobre suas falhas,
sempre sincero ao pedir desculpas.
Dedicado a redimir-se,
o sol brilha afastando as sombras.*

*Deixe suas crenças e os seus valores
e sentimentos por um momento.
Então, veja, sinta e entenda
como outros sentem e entendem o mundo.*

*Procure entender o que é a falta.
Gratidão terá, assim, por tudo.
O cheiro ruim do mimo o deixa
e sensível será com o mundo.*

*Em tempos de paz, tanta folia.
Em grande crise, o povo deprime!
Com fé no bem, os mansos solidários
em meio à crise ainda são felizes.*

*Largue as drogas e álcool pra sempre.
Faça um retiro a cada quinzena:
Durma pouco, jejum, silêncio
Medita muito (Abstinência!)*

*Tua presunção e tua arrogância,
o teu orgulho que te exalta,
tua vaidade e o teu cinismo...
tais poeiras: dá-lhes um basta!*

*Um terno coração, inofensivo.
A mente: lúcida e grandiosa,
sem uma mancha, muita bondade,
experiência divina toca.*

*Não há como praticar isso
imerso em si e no seu trabalho.
Sábio, escolha um meio de vida
que se harmonize à felicidade.*

*Pois é assim que há muitos frutos
quando há virtude e o mal é deixado.
Largue o que é ruim já, e o bem pratique
a hora da morte nunca se sabe.*

*Assim a perdição se evita.
Assim morrendo, não sente medo.
Do outro lado, feliz é a vida
e aqui mesmo feliz viveras.*



Buddhavadana

As Palavras do Buda



Isto é o que
foi dito:

*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*

Por que motivo
isso foi dito?



1. Ao Bahadrako

Uma vez, quando o Bhagavam Buda¹ estava vivendo entre os mallaenses², em uma vila chamada Uruvelakappa, o patriarca da vila, chamado Bhadrako, se dirigiu a ele, fez-lhe uma reverência e sentou-se em um canto. Sentado, ele disse ao Bhagavam Buda o seguinte:

— Mestre, por favor, que o Bhagavam me ensine sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento.

— *Patriarca, se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no passado dizendo “era assim no passado,” vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Se eu vos ensinasse sobre a originação e o desaparecimento do sofrimento no futuro dizendo “assim será no futuro”, vós duvidaríeis e ficaríeis consternado sobre isso. Ao invés disso, enquanto estou sentado aqui e enquanto estais sentado aí mesmo, eu vos ensinarei sobre a originação*

-
1. **Bhagavam:** significa, literalmente, “cheio de fortuna”. É uma forma elevada de se referir à uma pessoa importante e é a maneira pela qual o Buda (lit. “o Desperto”) era chamado pelos seus seguidores.
 2. **Mallaenses:** habitantes do reino de Malla, parte de dezesseis reinos poderosos da Índia antiga. Nos relatos da invasão da Índia iniciada por Alexandre o Grande eles são identificados como Malloi.

e o desaparecimento do sofrimento. Que o patriarca ouça e preste bem atenção ao que eu digo.

“Sim, mestre”, respondeu o patriarca Bhadrako. Então, o Bhagavam Buda disse o seguinte:

— O que o patriarca acha? Existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

— Ainda, patriarca, existiriam pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, existem pessoas em Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento.

— Patriarca, qual a causa, qual a condição para que, com a punição, prisão, multa ou condenação de uma pessoa de Uruvelakappa, surjam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— Mestre, em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu tenho por elas desejo e paixão. E em relação às pessoas de Uruvelakappa que, ao serem punidas, presas, multadas ou condenadas, não me surgiram tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento, eu não tenho por elas desejo e paixão.

— *Patriarca, por meio dessas experiências visíveis, imediatas, acessíveis e penetráveis, podeis inferir sobre o passado e futuro o seguinte: “Quaisquer sofrimentos surgidos no passado, todos eles surgiram tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento. Quaisquer sofrimentos que surjam no futuro, todos eles surgirão tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”*

— Mas que espantoso! Mas que incrível! Como isso foi bem dito pelo mestre! “Quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, tendo o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. Mestre, meu filho Ciravási vive em uma casa distante. Ao acordar cedo, eu digo pra alguém: “Rapaz, vá e descubra como está Ciravási”. Mestre, enquanto esse rapaz não retorna, eu vivo desorientado pensando: “Que nenhuma adversidade aconteça ao Ciravási!”

— *O que o patriarca acha? Se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se Ciravási fosse punido, preso, multado ou condenado, a minha vida inteira seria alterada! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento”. O que o patriarca acha? Antes de terdes visto e ouvido a mãe de Ciravási, havia desejo, paixão ou amor por ela?*

— Não mesmo, mestre.

— *Patriarca, teria sido depois de vê-la e ouvi-la que passou a haver desejo, paixão ou amor por ela?*

— Sim, mestre.

— *O que o patriarca acha? Se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, surgiriam em vós tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?*

— Mestre, se a mãe de Ciravási fosse punida, presa, multada ou condenada, eu viveria desorientado! Como não me surgiriam tristeza, lamento, dor, mal-estar e tormento?

— *Patriarca, dessa maneira, também, pode-se saber que “quaisquer sofrimentos que surgem, todos eles surgem tendo o desejo como raiz, o desejo como motivo. Pois o desejo é a raiz do sofrimento.”*

2. Ao Hatthaka

Uma vez, quando o Bhagavam Buda estava em Álavi, no parque de jasmim laranja sentado em um monte de folhas espalhadas sobre uma trilha de gado, Hatthaka de Álavi o viu ali sentado enquanto fazia a sua caminhada. Ao se aproximar e cumprimentá-lo, ele sentou-se em um canto e disse-lhe o seguinte:

— O mestre dormiu bem?

— *Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.*

— Mestre, as noites de inverno são geladas e agora estamos no período em que neva. O solo pisado pelos cascos das vacas é duro e a camada de folhas no chão é fina. As árvores têm

poucas folhas, as vestes estão frias e frio também é o vento que do norte sopra. E, mesmo assim, o mestre diz: “Sim, jovem. Entre as pessoas no mundo que dormem bem, eu sou uma delas.”

— *Sobre isso, jovem, eu responderei fazendo perguntas: da maneira que parece ao jovem, dessa maneira, então, que ele responda. Suponhamos que um dono de casa vive em uma casa bem coberta e bem fechada, sem correntes de ar, com as fechaduras trancadas e as janelas fechadas. Lá dentro haveria um sofá com cobertores de lã peludos, branco puro ou bordado com flores, coberto com uma bela pele de cervo. Ainda haveria um baldaquim acima e almofadas vermelhas nas duas extremidades. Enquanto uma lâmpada de óleo queima, as suas quatro esposas estariam servindo ele de forma extremamente agradável. O que o jovem acha? Ele dormiria bem ou não dormiria bem?*

— Mestre, ele dormiria bem. Entre as pessoas que dormem bem no mundo, ele seria uma delas.

— *Mas seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da paixão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata³ abandonou a paixão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto,*

3. **Tathágata:** um epíteto que se refere às pessoas que alcançaram a perfeição: “a pessoa suprema, a pessoa excelente, aquela que realizou a maior realização.”

eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal?

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas do ódio que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou o ódio, ele o cortou na raiz, fez dele um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto, eu dormi bem. O que o jovem acha? Seria possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal?*

— Sim, mestre.

— *Jovem, é possível surgir nesse dono de casa febres no corpo ou na mente nascidas da ilusão que o queimariam, levando-o a dormir mal. No entanto, um Tathágata abandonou a ilusão, ele a cortou na raiz, fez dela um toco de palmeira, deixando de ser, e nunca mais surgindo no futuro. Portanto eu dormi bem.*



“O tempo, como ele voa!
As noites, como elas passam!
Cada fase de nossas vidas
aos poucos nos abandonam.

Preocupado com o perigo
da morte, aquele que tem à vista
a paz suprema, então, procura
largar, do mundo, a sua isca.”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*A primavera, ela envelhece.
No inverno, a virtude aquece.
Férias, de fato, há com a paixão murcha.
Folhas caem. Veja, desperte!*

*Isto é o que
foi dito:*

*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abrande.
No papel, traços cor de água.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



3. Ações

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, eu declaro estes quatro tipos de ações tendo-os realizado por conhecimento direto. Quais quatro?

Monges, existem ações escuras cujos frutos são escuros.

Monges, existem ações claras cujos frutos são claros.

Monges, existem ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros. Monges, existem ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros e que levam ao esgotamento das ações.

Monges, e o que são ações escuras cujos frutos são escuros?

Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental lesiva. Tendo produzido atividade corporal, verbal e mental lesiva, ela surge em um mundo lesivo onde contatos lesivos a tocam. Tocada por contatos lesivos, ela sente sensações exclusivamente dolorosas — como os seres no inferno. Monges, essas se chamam ações escuras cujos frutos são escuros.

Monges, e o que são ações claras cujos frutos são claros?

Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental inofensiva. Tendo produzido atividade corporal,

verbal e mental inofensiva, ela surge em um mundo inofensivo onde contatos inofensivos a tocam. Tocada por contatos inofensivos, ela sente sensações exclusivamente prazerosas – como os seres celestes gloriosos. Monges, essas se chamam ações claras cujos frutos são claros.

Monges, e o que são ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros? Aqui, monges, uma pessoa produz atividade corporal, verbal e mental lesiva e inofensiva. Tendo produzido atividade corporal, verbal e mental lesiva e inofensiva, ela surge em um mundo lesivo e inofensivo onde contatos lesivos e inofensivos a tocam. Tocada por contatos lesivos e inofensivos, ela sente uma mistura de sensações prazerosas e dolorosas – como os seres humanos, alguns seres celestes e alguns seres em maus destinos. Monges, essas se chamam ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros.

Monges, e o que são ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros? Aqui, monges, é a intenção de abandonar quaisquer ações escuras cujos frutos são escuros, é a intenção de abandonar quaisquer ações claras cujos frutos são claros e a intenção de abandonar quaisquer ações escuras e claras cujos frutos são escuros e claros. Monges, essas se chamam ações nem escuras e nem claras cujos frutos são nem escuros e nem claros e que levam ao esgotamento das ações.

Monges, esses são os quatro tipos de ações que eu declaro tendo-os realizado por conhecimento direto.



“Desenredado ele é da rede.
Pela sede, não mais guiado.
Tal infinito campo do Buda.
Cadê seu rastro, se não há passos?”



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Não crie marcas, seja inocente.
Deixe o passado. Sempre o bem faça.
Busque a paz. A aquarela abraque.
No papel, traços cor de água.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



4. Sem Lágrimas

Uma vez, na Índia antiga, um certo camponês perdeu a sua esposa. Após a morte dela, ele não mais trabalhava, não tomava banho e esquecia de comer. Todos os dias ele andava sem rumo pelo cemitério, chorando pela esposa falecida. Em uma certa manhã, o Bhagavam Buda foi com o seu atendente visitar o camponês. Assim que o camponês o viu, ele fez-lhe uma reverência, preparou-lhe um assento e convidou-o a entrar e sentar-se. Em seguida, tendo ele mesmo sentado em um canto, o Bhagavam Buda disse-lhe o seguinte:

— *Amigo, o que o preocupa?*

— Venerável senhor, minha esposa faleceu, por isso estou deprimido.

— *Amigo, o que é da natureza de morrer, morre. Quando isso acontece, portanto, não há por que ficar deprimido. Há muito tempo atrás, quando um sábio perdeu a sua esposa, sabendo desse fato, não chorou.*

Então, a pedido do camponês, o Bhagavam contou-lhe esta história:

Há muito tempo atrás, quando Brahmadatta reinava em Báranasi, o Bodhisatva⁴ nasceu em uma família de

brâmanes⁵. Após terminar a sua educação em Takkasilá, ele retornou à Báranasi, quando os seus pais passaram a insistir para que ele se casasse. Porém ele respondeu que não tinha interesse. “Quando vocês partirem”, disse-lhes, “eu me tornarei um recluso⁶, então, não faz sentido me casar”. Mas os seus pais continuaram a insistir para que se casasse:

— Bobagem! Nós iremos arrumar uma esposa para você.

Então, certo dia, ele mostrou-lhes uma estátua de ouro de uma belíssima mulher e disse-lhes:

— Queridos pais, se conseguirem encontrar uma esposa tão

-
4. **Bodhisatva:** na tradição budista, um bodhisatva é alguém que passa muitas e muitas vidas aperfeiçoando a sua generosidade, caráter, meditação e sabedoria, para que, com o desaparecimento do Budismo, ele se torne um Buda, redescobrimo as leis que regem a felicidade e sofrimento dos seres e reintroduzindo essa Doutrina no mundo. Muitas das histórias aqui contadas narram as vidas passadas do Bhagavam Gautama (aquele que se tornou o último Buda), antes de ter realizado o Despertar, quando ele ainda era um bodhisatva buscando realizar o fim do sofrimento.
5. **Brâmanes:** pessoas dedicadas à religião dos Vedas. Formavam clãs e se desenvolveram em castas hereditárias de sacerdotes. Nos tempos do Bhagavam Buda, as crenças e práticas espirituais que eles promoviam se tornaram bastante variadas. Nessa época, eles ainda experimentavam grande prestígio apesar das frequentes críticas que recebiam da sociedade devido a sua conduta duvidosa. Em certos discursos, o Bhagavam reformula o termo “brâmane” de tal maneira que esse termo passa a se referir à pessoa verdadeiramente erudita, a pessoa que realizou a verdadeira sabedoria.
6. **Recluso:** um asceta, eremita ou beguino. Uma pessoa que renuncia o mundo, o modo de vida da sociedade, e passa a viver uma vida dedicada à espiritualidade, vivendo em retiro, afastado, perto da natureza. Em certos discursos, o Bhagavam usa o termo “recluso” para se referir à pessoa que se dedica à calma, à paciência; que se dedica à pacificar a sua conduta. Assim, o par “reclusos e brâmanes”, frequentemente encontrado nos discursos do Bhagavam, por vezes, se referem não apenas aos reclusos e aos brâmanes, no seu sentindo comum, mas também, metaforicamente, às pessoas que buscam realizar ambas as perfeições da conduta e da sabedoria.

bela quando esta estátua, eu aceitarei casar-me com ela.

Colocando a estátua em uma carruagem, os pais instruíram os seus empregados a levá-la por toda a região em busca de uma mulher que se parecesse com ela. Ao encontrar tal mulher, eles deveriam presentear os seus pais com a estátua de ouro e pedir-lhes que ela case com seu filho.

Mesmo antes de sair do reino, ao vagar em certa vila, a carruagem despertou a curiosidade de algumas pessoas: “Por que é que Samíla está andando nesta carroça?”, murmuravam uns aos outros.

— Quem é Samíla? — perguntaram os empregados.

— Ela é a filha de um rico brâmane desta vila! E, nossa, ela parece muito com esta estátua de ouro!

Os empregados, então, perguntaram onde era a casa desta família, e as pessoas os levaram até lá. Ao chegarem, eles se apresentaram, presentearam os pais de Samíla com a estátua e disseram que o seu patrão gostaria que ela fosse noiva de seu filho. Os pais aceitaram imediatamente. Porém a filha não tinha interesse algum em casamento:

— Quando vocês partirem — disse-lhes — eu me tornarei uma reclusa, então, não faz sentido me casar.

— Bobagem! — disseram os seus pais. — Vá arrumar as suas bagagens, você partirá com os visitantes para se casar com seu noivo!

Foi, então, que o casamento aconteceu mesmo sem o desejo do casal. Após casarem-se, embora compartilhassem a mesma cama, eles não tinham paixão alguma e viviam como reclusos em um eremitério. Quando os pais do jovem faleceram, ele preparou o velório com todo o cuidado e

devoção. Após as homenagens, ele se dirigiu a sua esposa e disse-lhe:

— Querida esposa, meus pais eram ricos, e estou certo de que os seus pais também são. Seja como for, você pode ficar com tudo, pois eu gostaria de ser um recluso.

— Querido esposo, eu não tenho desejo de continuar a viver a vida doméstica. Eu, também, quero ser uma reclusa.

— Muito bem! Vamos, então, viver na floresta.

Rapidamente eles doaram as suas posses para os necessitados e para os eremitas e religiosos que vivem de forma pura. Doaram tudo, como se toda a riqueza não fosse nada de especial para eles. Por fim, deixaram Báranasi e foram viver perto das montanhas, nos Himalaias, onde construíram duas cabanas e passaram a viver dedicados à meditação.

Certa vez, no início da estação das chuvas, eles saíram em busca de medicamentos. Ao chegarem em Báranasi, no entanto, Samíla teve disenteria e eles tiveram que se estabelecer no parque. Com o passar do tempo, sem terem conseguido medicamentos, ela enfraqueceu vertiginosamente. Assim, numa manhã, o recluso a deitou em um banco no parque e saiu com a sua tigela de mendicância para obter comida para os dois. Pouco depois de partir, Samíla deu os seus últimos suspiros. As pessoas que visitavam o parque naquela manhã notaram essa bela mulher deitada sem vida e, comovidos, choraram abertamente.

Quando o recluso retornou, encontrou uma aglomeração de pessoas ao redor do banco e se perguntou o que teria acontecido. Ao ouvir que uma bela mulher deitada no banco havia falecido, ele murmurou calmamente: “O que é da

natureza de morrer, morreu. Todas as atividades são impermanentes, é assim que elas são.” Em seguida, ele sentou-se em um canto sozinho e comeu a comida em sua tigela de esmola. Ao terminar de comer, as pessoas lhe perguntaram:

— Venerável, o que esta venerável senhora era para o senhor?

— *Quando eu vivia a vida doméstica, ela era minha esposa.*

— Mas, venerável, por que o senhor não chora por ela? Nós, que nem a conhecíamos, não conseguimos nos controlar...

O recluso, então, respondeu em versos:

*Ó senhora, tendo partido
como a mim tu pertencerias?*

*Por ti chorar, então, eu não choro,
ó Samíla, esposa querida.*

*Por tudo aquilo que não se encontra,
por tudo isso, pessoas choram.*

*A si mesmos se amargurando
assim, às mãos da morte retornam.*

*Estando em pé ou mesmo sentado
ou, também, quando se caminha,
de olho aberto ou de olho fechado
eis, de repente, o fim desta vida.*

Tudo é deixado pela metade.

Separação é uma certeza.

*Sejam bons com os seres que restam
e abstenham-se da tristeza.*

Assim o recluso ensinou-lhes sobre a impermanência. Após o velório de Samíla, o recluso retornou aos Himalaias, onde

viveu meditando. Ao morrer, ele renasceu no reino de Brâma⁷.

5. Não Há Quem Assegure

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem cinco coisas que ninguém consegue assegurar — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas⁸, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo. Quais cinco?

(1) “Que aquilo que é da natureza de envelhecer não envelheça:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(2) “Que aquilo que é da natureza de adoecer não adoeca:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(3) “Que aquilo que é da natureza de morrer não morra:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em

7. **Brâma:** o nome dado pelos indianos a Deus. O reino de Brâma é um paraíso superior no entendimento budista, povoado por seres exclusivamente bondosos em uma existência exclusivamente prazerosa – diferente de reinos celestes inferiores como Tavatimsa (ver nota 32) onde os seres que lá habitam ainda são levados por ganância, raiva, ignorância e presunção.

8. **Devas:** seres celestes, ou *devas*, são seres que vivem em paraísos e existências mais prazerosas do que a existência humana. Na tradição budista, entende-se que eles ajudam seres humanos de vez em quando, particularmente, as pessoas boas e virtuosas. Assim, são entendidos como anjos.

todo esse universo.

(4) “Que aquilo que é da natureza de esgotar não esgote:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

(5) “Que aquilo que é da natureza de desaparecer não desapareça:” ninguém consegue assegurar isso — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.

Monges, aquilo que uma pessoa desinformada tem que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer, envelhece, adocece, morre, esgota e desaparece. Quando isso acontece, ela não reflete da seguinte maneira: “Não é apenas para mim que o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Para todos os seres que vêm e vão, que surgem e desaparecem, o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Se eu entristecer, ficar angustiado, lamentar, bater as mãos no peito e chorar confuso por conta disso, eu perderei o apetite, a minha aparência degradará, o meu trabalho não continuará, os meus inimigos ficarão satisfeitos e os meus amigos ficarão desanimados.”

Sem refletir dessa maneira, ela entristece, fica angustiadada, lamenta, bate as mãos no peito e chora confusa por conta disso. Monges, essa se chama “a pessoa desinformada que, atingida pelo anzol envenenado da tristeza, atormenta a si mesma.”

Monges, aquilo que um nobre discípulo tem que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer, envelhece, adocece, morre, esgota e desaparece. Quando isso acontece, ele reflete da seguinte maneira: “Não é apenas para mim que o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Para todos os seres que vêm e vão, que surgem e desaparecem, o que é da natureza de envelhecer, adoecer, morrer, esgotar e desaparecer acaba envelhecendo, adoecendo, morrendo, esgotando e desaparecendo. Se eu entristecer, ficar angustiado, lamentar, bater as mãos no peito e chorar confuso por conta disso eu perderei o apetite, a minha aparência degradará, o meu trabalho não continuará, os meus inimigos ficarão satisfeitos e os meus amigos ficarão desanimados.”

Ao refletir dessa maneira, ele não entristece, não fica angustiado, não lamenta, não bate as mãos no peito e não chora confuso por conta disso. Monges, esse se chama “o nobre discípulo que retirou o anzol envenenado da tristeza, o anzol que leva a pessoa desinformada a atormentar a si mesma”. Sem tristeza, sem anzol, ele encontra a paz genuína.

Monges, essas são as cinco coisas que ninguém consegue assegurar — nem reclusos, nem brâmanes, nem devas, nem diabos, nem Brâma, ninguém em todo esse universo.



*É para lembrar
disso que isto
foi dito:*

*Um incêndio queima este mundo.
Pra todo lado corre um abestado.
Apague o fogo, tenha coragem.
Do que tiver, será separado.*

*Isto é o que
foi dito:*

*Do bem e mal feito és resultado.
Ao fruto de tais ações, destinado.
Querendo alegria e não tormento
sê inocente, larga o que arde.*

*Por que motivo
isso foi dito?*



6. Sobre o Impossível

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, é impossível, não há como a boa conduta corporal, verbal ou mental resultar em um fruto indesejável, desagradável e repulsivo. Mas é possível que a boa conduta corporal, verbal ou mental resulte em um fruto desejável, agradável e adorável. Isso é factível.

Monges, é impossível, não há como alguém praticar má conduta corporal, verbal ou mental e, por esse motivo, por essa causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, partir bem, renascer em um paraíso. Isso não é factível. Mas é possível que alguém que pratica má conduta corporal, verbal ou mental, por esse motivo, por essa causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, parta para a desgraça, renasça no submundo, no inferno. Isso é factível.

Monges, é impossível, não há como alguém praticar boa conduta corporal, verbal ou mental e, por esse motivo, por essa causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, partir para a desgraça, renascer no submundo, no inferno. Isso não é factível. Mas é possível que alguém que pratica boa conduta corporal, verbal ou mental, por esse motivo, por essa

causa, com o perecimento de seu corpo, após a morte, parta bem, renasça em um paraíso. Isso é factível.

7. Sobre o Impossível

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, essas quatro pessoas são encontradas no mundo. Quais quatro? A pessoa censurável, a pessoa muito censurável, a pessoa pouco censurável e a pessoa inocente.

Monges, e como uma pessoa é censurável? Aqui, monges, uma pessoa faz ações censuráveis com o corpo, faz ações censuráveis com a fala, faz ações censuráveis com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é censurável.

Monges, e como uma pessoa é muito censurável? Aqui, monges, uma pessoa faz ações muito censuráveis com o corpo, faz ações muito censuráveis com a fala, faz ações muito censuráveis com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é muito censurável.

Monges, e como uma pessoa é pouco censurável? Aqui, monges, uma pessoa faz ações pouco censuráveis com o corpo, faz ações pouco censuráveis com a fala, faz ações pouco censuráveis com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é pouco censurável.

Monges, e como uma pessoa é inocente? Aqui, monges, uma pessoa faz ações inocentes com o corpo, faz ações inocentes com a fala, faz ações inocentes com a mente. Monges, é assim que uma pessoa é inocente.

8. O Manto Importado

Em certa ocasião, o rei Pasênadi de Kôsala⁹ desceu de seu elefante, dirigiu-se ao venerável Ananda¹⁰ a pé, fez-lhe uma reverência e permaneceu em um canto. Ali, o rei disse-lhe o seguinte:

— Aqui, mestre, que o venerável Ananda sente neste tapete de pele de elefante.

— *Deixeis estar, grande monarca. Sente-se nele, eu sento no meu próprio pano.*

Então, o rei Pasênadi sentou-se no tapete e disse ao venerável Ananda o seguinte:

— Mestre Ananda, será que o Bhagavam se conduziria com o corpo, com a fala ou com a mente de tal forma que fosse censurável por reclusos e brâmanes?

— *Não, grande monarca, o Bhagavam não se conduziria com o corpo, com a fala ou com a mente de tal forma que fosse censurável por reclusos e brâmanes sensatos.*

9. **Kôsala:** um antigo reino ao norte da Índia, parte de dezesseis reinos poderosos daquela região e época. Foi nessa região, cerca de 700 A.C., que uma forte cultura de reclusos e eremitas espirituais se desenvolveu. E foi nessa cultura, há cerca de 2.500 anos atrás, que o Bhagavam Gautama nasceu.

10. **Venerável Ananda:** primo do Bhagavam Gautama, ele foi um dos seus principais e mais devotos monges. Irmão de Mahanâma e do venerável Anuruddha, ele teria entrado na ordem de monges budistas no segundo ano após o Bhagavam realizar o Despertar. Vinte anos depois, o Bhagavam, com cerca de 55 anos, abriu novamente o posto de assistente. Este passou a ser ocupado pelo ven. Ananda, que cumpriu essa função por cerca de 30 anos, até o fim da vida do Mestre. Com a partida do fundador da religião, os monges anciões se reuniram para consagrar os ensinamentos do Bhagavam e foi o ven. Ananda quem recitou os discursos. A frase “Assim ouvi” no início dos discursos são as palavras do próprio ven. Ananda.

— Mas que espantoso, mas que incrível! Pois eu não consegui expressar completamente a minha pergunta e o venerável Ananda a completou por mim. Mestre, eu não considero valiosos os elogios e críticas que pessoas bobas insensatas fazem sem terem examinado e investigado. Mas eu considero valiosos os elogios e críticas que os sábios, inteligentes e competentes fazem tendo examinado e investigado. Mas, mestre Ananda, quais são as condutas corporais, verbais e mentais censuráveis por reclusos e brâmanes sensatos?

— *Condutas corporais, verbais e mentais ruins, grande monarca.*

— Mestre Ananda, o que são condutas ruins?

— *São as condutas reprováveis, grande monarca.*

— Mestre Ananda, o que são condutas reprováveis?

— *São as condutas nocivas, grande monarca.*

— Mestre Ananda, o que são condutas nocivas?

— *São as condutas que resultam em sofrimento, grande monarca.*

— Mestre Ananda, o que são condutas que resultam em sofrimento?

— *Grande monarca, aquelas condutas que levam ao infortúnio para si mesmo, que levam ao infortúnio para os outros, que levam ao infortúnio para ambos, que aumentam as qualidades ruins e diminuem as qualidades boas. Grande monarca, essas são as condutas censuráveis por reclusos e brâmanes sensatos.*

— Mas, mestre Ananda, quais são as condutas corporais, verbais e mentais não censuráveis por reclusos e brâmanes sensatos?

- *Condutas corporais, verbais e mentais boas, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas boas?
- *São as condutas impecáveis, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas impecáveis?
- *São as condutas benéficas, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas benéficas?
- *São as condutas que resultam em felicidade, grande monarca.*
- Mestre Ananda, o que são condutas que resultam em felicidade?
- *Grande monarca, aquelas condutas que não levam ao infortúnio para si mesmo, que não levam ao infortúnio para os outros, que não levam ao infortúnio para ambos, que diminuem as qualidades ruins e aumentam as qualidades boas. Grande monarca, essas são as condutas não censuráveis por reclusos e brâmanes sensatos.*
- Mestre Ananda, o Bhagavam apenas elogia o abandono de todas as qualidades ruins?
- *Grande monarca, um Tathágata abandonou todas as qualidades ruins. Ele é dotado apenas de qualidades boas.*
- Mas que espantoso, mas que incrível, mestre! Como isso foi bem dito pelo venerável Ananda!

9. Motivos

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, existem três motivos que levam à originação de ações. Quais três motivos? Ganância¹¹ é motivo para a originação de ações, ódio¹² é motivo para a originação de ações, ilusão¹³ é motivo para a originação de ações.

Monges, ganância não origina não-ganância. Ganância apenas origina ganância. Ódio não origina não-ódio. Ódio apenas origina ódio. Ilusão não origina não-ilusão. Ilusão apenas origina ilusão.¹⁴

-
11. **Ganância:** se refere, em particular, aos desejos sensuais, isso é, associados aos cinco sentidos (ver nota 21) e desejos ruins associados à identidade (como ambições, por exemplo). Por fim, quaisquer desejos auto-centrados, quaisquer desejos e apegos que, em algum grau, nos levam a fazer ações ruins são considerados “ganância”, embora variem em sua intensidade e gravidade.
 12. **Ódio:** mais do que o ódio em si, na doutrina budista essa palavra inclui mesmo experiências mais brandas como o incômodo, a impaciência, a aversão, o medo, a irritação e a raiva – experiências que nos levam a fazer ações ruins com o corpo, fala e mente. Ódio é uma expressão de desejos, aqui manifestados de forma corrompida devido a uma contrariação (ex. não ter o que se quer, ou perder o que se tem). Entre a ganância e o ódio, de maneira geral, o ódio tende a ser um vício mais grave e a ganância, um vício mais leve.
 13. **Ilusão:** em primeiro lugar, se refere a confusão a respeito da ética e moralidade — não saber o que são experiências e ações boas e ruins. Posto de outra forma, é acreditar que a ganância e o ódio são benéficos (parcialmente ou totalmente), ou acreditar que a não-ganância e o não-ódio (ver nota 14) são nocivos. As ilusões mais sutis se referem ao não entendimento do sofrimento e de suas causas.
 14. A prática de **não-ganância** inclui a renúncia e a generosidade. A prática de **não-ódio** inclui a bondade e a equanimidade. A prática de **não-ilusão** inclui a sabedoria e a compaixão.

Monges, não é por causa das ações nascidas da ganância, do ódio e da ilusão que os seres celestes, seres humanos e demais bons destinos são discernidos. Monges, é por causa das ações nascidas da ganância, do ódio e da ilusão que o inferno, o reino animal, o reino dos fantasmas e demais maus destinos são discernidos. Monges, esses são três motivos que levam à originação das ações.

Monges, existem outros três motivos que levam à originação de ações. Quais três motivos? Não-ganância é motivo para a originação de ações, não-ódio é motivo para a originação de ações, não-ilusão é motivo para a originação de ações.

Monges, não-ganância não origina ganância. Não-ganância apenas origina não-ganância. Não-ódio não origina ódio. Não-ódio apenas origina não-ódio. Não-ilusão não origina ilusão. Não-ilusão apenas origina não-ilusão.

Monges, não é por causa das ações nascidas da não-ganância, do não-ódio e da não-ilusão que o inferno, o reino animal, o reino dos fantasmas e demais maus destinos são discernidos. Monges, é por causa das ações nascidas da não-ganância, do não-ódio, e da não-ilusão que os seres celestes, seres humanos e demais bons destinos são discernidos. Monges, esses são três motivos que levam à originação das ações.

10. Resultados da Má Conduta

Disse o Bhagavam Buda:

Monges, quando matar seres vivos é cultivado, desenvolvido e praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado de matar seres vivos para

um ser humano é vida curta.

Monges, quando tomar o que não foi oferecido é cultivado, desenvolvido e praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado de tomar o que não foi oferecido para um ser humano é a perda de riqueza.

Monges, quando a má conduta em relação à sensualidade¹⁵ é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da má conduta em relação à sensualidade para um ser humano é inimizade e alvoroço.

Monges, quando a mentira é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da mentira para um ser humano é acusação falsa.

Monges, quando a difamação é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da difamação para um ser humano é ser separado dos amigos.

Monges, quando a grosseria é cultivada, desenvolvida e praticada, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado da grosseria para um ser humano é ouvir o que é desagradável.

Monges, quando o papo-furado¹⁶ é cultivado, desenvolvido e

15. **Má conduta em relação à sensualidade:** trata-se do envolvimento sexual com pessoas protegidas pela família, com pessoas celibatas, com pessoas casadas, de maneira criminosa ou com pessoas comprometidas. Os cinco preceitos (ver texto 18 e nota 28) englobam a abdicação da má conduta em relação à sensualidade. Uma pratica mais elevada desse preceito é a completa abstinência da atividade sexual. Já a sua perfeição é a renúncia a todos os desejos sensuais (ver nota 45).

praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado do papo-furado para um ser humano é não ser levado a sério.

Monges, quando o envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência, é cultivado, desenvolvido e praticado, isso leva ao inferno, ao reino animal, ao reino dos fantasmas. No mínimo, o resultado do envolvimento com álcool e drogas, estados de inebriamento e negligência, para um ser humano é a loucura.

11. O Pequeno Discurso da Análise das Ações

Assim ouvi. Uma vez, quando o Bhagavam Buda vivia em Sávati, no parque Jeta, no jardim do Caridoso¹⁷, o jovem brâmane Subha, filho de Todeya, dirigiu-se ao Bhagavam Buda e cumprimentou-o. Quando os cumprimentos corteses terminaram, ele sentou-se em um canto e disse-lhe o seguinte:

16. **Papo-furado:** inclui falar palavras inconvenientes, falar o que não é fato, falar o que é insignificante. Em especial, falar (elogiar, promover) o que é contrário à ética – aos preceitos – e ao Dharma. Inclui, ainda, falar palavras que não valem a pena serem preservadas. Em momento inapropriado, falar palavras sem sentido, falar sem parar, falar palavras nocivas.

17. **Sudatta, o Caridoso:** discípulo e grande apoiador do Bhagavam Buda e da comunidade de monges. Ele foi um rico comerciante que ofertou para o Bhagavam e para os monges um jardim no parque Jeta, em Sávati. Foi neste lugar que o Bhagavam viveu e ensinou por mais tempo durante a sua vida pública. Sudatta era menos conhecido pelo seu nome que por seu apelido, Caridoso (em páli *anāthapiṇḍika*, lit. “comida aos pobres”) devido a sua prática de caridade assídua.

— Senhor Gautama, qual a causa, qual a condição para que, entre os humanos, sejam vistos seres inferiores e superiores? Pois humanos são vistos de vida curta e de vida longa, muito enfermos e saudáveis, feios e belos, irrelevantes e influentes, pobres e ricos, de clãs selvagens e de clãs civilizados, insipientes e sábios. Senhor Gautama, qual a causa, qual a condição para que, entre os humanos, sejam vistos seres inferiores e superiores?

— *Jovem, os seres são donos de suas próprias ações, são herdeiros de suas próprias ações, eles nascem de suas próprias ações, são descendentes de suas próprias ações e têm as suas próprias ações como refúgio. São as ações que distinguem os seres em inferiores e superiores.*

— Eu não entendo o significado em detalhes das palavras do mestre ditas em resumo. Seria bom se o mestre me ensinasse o Dharma¹⁸ de maneira que eu pudesse entender o significado em detalhes das palavras do senhor ditas em resumo.

— *Nesse caso, que o jovem ouça e preste bem atenção ao que eu digo.*

“Sim, senhor”, respondeu o jovem Subha. Então, o Bhagavam Buda disse-lhe o seguinte:

“Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, mata

18. **Dharma:** O significado dessa palavra é bastante amplo. De maneira geral, dharma significa “o que é certo”, o que leva à felicidade ou, simplesmente, “Bem” (ou seja, os modos, costumes e qualidades associados ao Bem), enquanto que o oposto, adharma, significa “o que é errado”, o que leva ao sofrimento ou tudo aquilo que é contrário ao Bem. Dharma também denota a lei natural de causa e efeito, a lei ética que rege as ações dos seres e os seus resultados – as experiências e renascimentos. Frequentemente, o termo “Dharma” se refere ao que o Bhagavam Buda ensina mas pode significar, de forma mais simples, qualquer ensinamento, filosofia ou doutrina – mesmo aquelas que advogam a inexistência das leis éticas.

seres vivos. Ela é temível, as suas mãos são sangrentas, ela é dedicada à violência, ela é implacável com os seres vivos. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, a sua vida será curta. Pois, jovem, esta prática leva à vida curta: matar seres vivos, ser temível, ter as mãos sangrentas, ser dedicado à violência, ser implacável com os seres vivos.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, abdica de matar seres vivos. Abaixando as varas e as espadas, ela vive sensível e com empatia, piedosa com todos os seres vivos. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, a sua vida será longa. Pois, jovem, esta prática leva à vida longa: abdicar de matar seres vivos, abaixar as varas e as espadas, viver sensível e com empatia, piedoso com todos os seres vivos.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é violenta. Ela machuca os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é muito enferma. Pois, jovem, esta prática leva à muita enfermidade: ser violento, machucar os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é violenta. Ela não machuca os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é saudável. Pois, jovem, esta prática leva à saúde: não ser violento e não machucar os seres com as mãos, com pedras, com varas ou com espadas.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é raivosa e enfurecida. Mesmo quando ela é levemente criticada, ela se ofende, se abala, se torna hostil, se irrita, mostra raiva, ódio e amargura. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é feia. Pois, jovem, esta prática leva à feiura: ser raivoso, enfurecido, e mesmo quando levemente criticado, se ofender, se abalar, se tornar hostil, se irritar, mostra raiva, ódio e amargura.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é raivosa e enfurecida. Mesmo quando ela é muito criticada, ela não se ofende, não se abala, não se torna hostil, não se irrita, não mostra raiva, ódio nem amargura. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é bela. Pois, jovem, esta prática leva à beleza: não ser raivoso e enfurecido, mesmo quando muito criticado,

não se ofender, não se abalar, não se tornar hostil, não se irritar, não mostrar raiva, ódio nem amargura.

Aquí, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é invejosa. Ela tem inveja e se ressentida dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é irrelevante. Pois, jovem, esta prática leva à irrelevância: ser invejoso, ter inveja e se ressentir dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é invejosa. Ela não tem inveja e não se ressentida dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é influente. Pois, jovem, esta prática leva à influência: não ser invejoso, não ter inveja e não se ressentir dos ganhos, respeitos, reverências, estimas, venerações e honras dados aos outros.

Aquí, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, não doa comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos, brâmanes e pessoas pobres. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana,

então, onde quer que ela renasça, ela é pobre. Pois, jovem, esta prática leva à pobreza: não doar comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos, brâmanes e pessoas pobres.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, doa comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos e brâmanes e pessoas pobres. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é rica. Pois, jovem, esta prática leva à riqueza: doar comida, bebida, pano, transporte, enfeites, perfumes, cremes, camas, abrigos e candeias para reclusos, brâmanes e pessoas pobres.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, é relutante e arrogante. Ela não faz mesura quando há de se fazê-lo, ela não oferece assento a quem merece assento, ela não abre caminho para quem merece caminho, ela não respeita, não reverencia, não estima e não honra quando se há de fazê-lo. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, é em um clã selvagem. Pois, jovem, esta prática leva a renascer em um clã selvagem: ser relutante e arrogante, não fazer mesura quando há de se fazê-lo, não oferecer assento a quem merece assento, não abrir caminho para quem merece caminho, não respeitar, não reverenciar, não estimar e não honrar

quando há de se fazê-lo.

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, não é relutante nem arrogante. Ela faz mesura quando há de se fazê-lo, ela oferece assento a quem merece assento, ela abre caminho para quem merece caminho, ela respeita, reverencia, estima e honra quando há de se fazê-lo. Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, é em um clã civilizado. Pois, jovem, esta prática leva a nascer em um clã civilizado: não ser relutante nem arrogante, fazer mesura quando há de se fazê-lo, oferecer assento a quem merece assento, abrir caminho para quem merece caminho, respeitar, reverenciar, estimar e honrar quando se há de fazê-lo.

Aqui, jovem, uma pessoa, homem ou mulher, não se dirige aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’ Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte para a desgraça, renasce no submundo, no inferno. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é insipiente. Pois, jovem, esta prática leva à insipiência: não dirigir-se aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não

deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’

Porém, jovem, outra pessoa, homem ou mulher, se dirige aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’ Tendo adotado essas ações, com o perecimento do corpo, após a morte, ela parte bem, renasce em um paraíso. Caso contrário, se ela volta a ser humana, então, onde quer que ela renasça, ela é sábia. Pois, jovem, esta prática leva à sabedoria: se dirigir aos reclusos e brâmanes para perguntar-lhes o seguinte: ‘Senhor, o que é benéfico? O que é nocivo? O que é inofensivo? O que é reprovável? O que deve ser cultivado? O que não deve ser cultivado? Quais ações levam à desgraça e sofrimento por longo tempo? Quais ações levam ao bem-estar e felicidade por longo tempo?’

Assim, jovem, a prática que conduz à vida curta leva-os a terem vida curta; a prática que conduz à vida longa leva-os a terem vida longa; a prática que conduz à enfermidade leva-os a serem enfermos ... saudáveis; ... feios; ... belos; ... irrelevantes; ... influentes; ... pobres; ... ricos; ... de clã selvagem; ... de clã civilizado; a prática que conduz à insipiência leva-os a serem insipientes; a prática que conduz à sabedoria leva-os a serem sábios.

Jovem, os seres são donos de suas próprias ações, são herdeiros de suas próprias ações, eles nascem de suas próprias ações, são descendentes de suas próprias ações e têm as suas próprias ações como refúgio. São as ações que distinguem os seres em inferiores e superiores.”

— Mas que espantoso! Mas que incrível! Mestre, suponha que alguém arruma o que está torto, ou suponha que alguém revela o que está escondido, ou suponha que alguém aponta o caminho para quem está confuso, ou suponha que alguém segura uma lamparina no escuro para que aqueles com olhos possam ver. Da mesma maneira, o mestre esclareceu o Dharma de várias maneiras! Eu me refugio no Bhagavam Gautama, nos Ensinos e na Comunidade de monges¹⁹. Mestre, a partir de hoje, considere-me um seguidor leigo que tomou refúgio pelo resto de sua vida.

19. **Refúgio:** na Índia antiga, se “refugiar” era a maneira pela qual uma pessoa adotava uma nova religião ou passava a seguir um líder religioso. Desde os tempos do Bhagavam, em vez de um budista se refugiar no Buda, ele se refugia na chamada “Jóia Tríplice”: o Buda, o Dharma e a Comunidade (a “Sangha”, ver nota 40). Antes de partir, o Bhagavam disse que o Dharma seria o “mestre” em sua ausência e, assim, o Dharma e a Comunidade (aqueles que incorporam e vivem o Dharma) passaram a ser o refúgio concreto para os budistas. Certa vez, porém, após o falecimento do Bhagavam, um homem disse a um monge “venerável, eu me refugio no senhor”. O monge, provavelmente modesto e querendo evitar tomar o lugar do Buda, orientou-o a não se refugiar nele, mas a se refugiar no Buda – mesmo este já tendo falecido. Ao final do episódio, o homem se refugiou no Buda, no Dharma e na Comunidade. Seguindo esse exemplo, os monges continuaram a orientar os budistas a se refugiarem na Jóia Tríplice, honrando a memória do fundador.

Notas de Tradução

Todos os textos traduzidos nesta obra (discursos, excertos, histórias e versos canônicos) fazem parte do *tipiṭaka pāli*, o cânone pāli budista que preserva os antigos ensinamentos do Bhagavam há mais de dois milênios em sua língua original. Em sua maior parte, os textos em pāli foram consultados no website suttacentral.net (Sujāto, 2005), que, por sua vez, hospeda uma cópia da edição do *tipiṭaka Mahasangīti*, da linhagem burmesa²⁰. Ainda, foram consultadas traduções em inglês desses textos feitas por Sujāto (2005), Ñanamoli (1995), Bodhi (2012, 2000), Cowell et al. (1880) e Kawasaki et al. (2018), além de textos paralelos encontrados no cânone chinês. As histórias *jātakas* (Ja) foram traduzidas a partir de traduções do inglês, com leves adaptações, enquanto que os seus versos foram traduzidos do pāli. Textos em itálico que por vezes introduzem ou finalizam um texto não fazem parte do original, sendo meramente contextualizações fornecidas por este que escreve. Títulos foram dados aos discursos que, originalmente, não possuem título e, em alguns casos, o título foi alterado em nome da legibilidade.

Salvo quaisquer restrições impostas pelas obras que aqui se encontram derivadas, toda esta obra é de domínio público.

20. O texto original e outras traduções podem ser consultados seguindo a referência no [Sumário](#) de acordo com a seção *Abreviações*.

Bibliografia

Bodhi, Bhikkhu. *The Connected Discourses of the Buddha : a Translation of the Samyutta Nikaya*. Wisdom Publications, 2000.

Bodhi, Bhikkhu. *The Numerical Discourses of the Buddha : a Translation of the Anguttara Nikaya*. Wisdom Publications, 2012.

Kawasaki, Ken. Kawasaki, Visakha. *Jataka Tales of the Buddha - Volume I-III*. Pariyatti Press, 2018.

Ñānamoli, Bhikkhu. *The Middle Length Discourses of the Buddha: A Translation of the Majjhima Nikaya*. Wisdom Publications, 1995.

T.W. Rhys Davids, et al. *The Jataka or Stories of the Buddha's Former Births*. Cambridge, 1895-1907.

Sujāto, Bhikkhu. *Suttacentral*. <https://suttacentral.net>.